



ARAUTO



Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor: DR. TOMAZ DA ROSA • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores Fernando Lima, Jorge Angelo, José Pompeu e José Diogo	Prof. - Orientador FERNANDO MELO	Administrador Diogo Fraga da Silva
---	-------------------------------------	---------------------------------------

CANTINHO DO MAGISTÉRIO

A Escola e a Sociedade

A palavra *escola* pode ser tomada em duas acepções:—uma significando o edifício onde as crianças dum determinada região são educadas e instruídas; outra compreendendo apenas a sala provida de todos os utensílios e meios instrumentais próprios para a realização daqueles dois fins, pondo em actividade os individuos que a frequentam, distribuídos em classes, de acordo com o nível de conhecimentos adquiridos, para a realização dum consciente divisão de trabalho.

Seja qual for o ponto de vista sob o qual a encaremos, representa sempre um esforço social que tem como finalidade preparar e habilitar a criança de forma a que esta realize o seu fim no mundo com vista à vida eterna, convertendo-a assim em elemento útil e prestimoso na sociedade.

Partindo do principio de que a vida pública de um país é o perfeito reflexo da vida mais ou menos particular dos seus habitantes, facilmente deduzimos que a escola, desde que bem organizada, é um factor importante para a marcha progressiva dum povo na medida em que foi ela que preparou os elementos que o constituem. Júlio Simon, num rasgo elevado da sua maneira criteriosa de pensar, afirmou: «le peuple qui a les meilleures écoles est le premier peuple; s'il

ne l'est pas aujourd'hui, il le sera demain».

E' com o sublime intuito de conseguir um completo desenvolvimento da humanidade, dando à educação e instrução da mocidade uma direcção de harmonia com os processos naturais e com o fim social do meio em que vivem, que têm sido criadas instituições desde os Jardins de Froebel até à instrução primária superior. São esses institutos que constituem as estâncias destinadas ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das faculdades físicas, intelectuais e morais dos individuos que os frequentam, conduzindo a instrução aos seus fins utilitários, educando física, intelectual e moralmente de acordo com os principios universalmente admitidos. Para que estes objectivos sejam alcançados é necessário que haja uma prepa-

Conclui na 3.ª página)

Governador Freitas Pimentel

Após uma ausência de quatro meses em Lisboa, regressou à Horta no passado dia 13, acompanhado de sua esposa sr.ª Dr.ª D. Maria Francisca Paes Dias Pimentel, o sr. Dr. António de Freitas Pimentel, illustre Governador do Distrito.

O ARAUTO, assinalando o facto com satisfação, dirige ao sr. Governador Freitas Pimentel e ex.ª esposa os seus mais respeitosos cumprimentos.

O 50.º Número do ARAUTO

Com este número o ARAUTO atinge cinquenta edições desde a sua fundação em 1957.

Não foi um longo caminho percorrido, mas, mesmo assim, a manutenção deste pequeno jornal dos estudantes do Liceu da Horta representa muito de boa vontade, trabalho e até entusiasmo da parte dos rapazes que lhe têm dado vida através dos anos.

Por isso salientamos o pormenor com satisfação e propósitos de continuidade.

Espectáculo dos Finalistas

E' já no próximo dia 23 do corrente que se realiza no Teatro Faialense o anunciado serão teatral promovido pelos alunos finalistas do nosso Liceu (7.º Ano), o qual está a despertar o mais vivo interesse.

Do respectivo programa faz parte uma peça de teatro moderno—«A longa ceia do Natal»—sendo o espectáculo completado com o quadro de revista «Olha o disco»!, um género bem dentro do espírito dos nossos estudantes.

Ao espectáculo dos finalistas auguramos o maior êxito.

QUADROS DA VIDA...

Uma noite de Inverno

A noite está fria. De vez em quando a chuva cai sem se importar com aqueles que caminham pelas ruas, carregados de embrulhos, pois é véspera de Natal.

Apesar do frio e da chuva sai de casa, pois precisava comprar qualquer coisa para os meus e além disso gosto imenso de ver o movimento de que se anima a cidade numa noite tão lembrada como essa.

Caminhava distraidamente, quando de súbito me chamaram a atenção duas crianças paradas em frente a uma vitrine onde estavam expostos vários brinquedos. Levada talvez pela curiosidade de saber o que pensavam aquelas pobres crianças, cujas roupas, se ainda assim se podiam cha-

mar lhes pendiam dos ombros descarnados, parei ao lado delas e comecei a observá-las.

Ela era uma bonita menina de longos cabelos loiros e desalinados, olhos azuis, magra demais para o comprimento do seu frágil corpito que parecia oscilar à mínima aragem.

Ele, um moço dos seus 10 ou 11 anos, moreno e cujos olhos e côr de cabelo formavam um belo contraste em comparação com os da sua companheira.

Falavam em voz baixa, mas mesmo assim percebi que trocavam impressões sobre o que gostariam de possuir e cujo desejo lhes era vedado porque os pais, tão pobres como eles, nun-

(Conclui na 3.ª página)

Período cosmológico

1 - Origens da filosofia

A influência do pensamento grego tem-se feito sentir em todos os séculos da nossa Era e ainda hoje podemos afirmar que, sem o seu valioso contributo, o mundo humano seria (ainda) muito pobre e desprovido de conhecimentos.

É que a influência dos gregos não se limitou à arte ou à filosofia, mas estendeu-se à lógica, ao direito, à gramática, à medicina, à matemática.

A nossa ciência, a nossa arte, muitas das nossas instituições, políticas, sociais, ou religiosas, tiveram origem na Grécia.

Porém, é na filosofia que os gregos mais se evidenciam.

Foi este o povo que, dos mitos e do antropomorfismo, se elevou à análise crítica do Homem e do seu mundo exterior, usando pela primeira vez a Razão na busca da solução de problemas como os da origem, finalidade e destino do mundo, o que Renan classificou de «o milagre grego».

Floresceu a filosofia pela primeira vez nas colónias gregas da Ásia Menor, onde comerciantes enriquecidos se dedicavam ao estudo e à reflexão, nas horas de lazer.

O filósofo (philos logos, amigo da sabedoria), «vivía para a filosofia e não da filosofia» no dizer de August Messer.

Livres e ansiando pela verdade, acusavam ora uma religião a que faltava uma doutrina definida, ora um regime político que tiranizava as populações.

2 - Os físicos jónios

Para um melhor estudo da filosofia grega, podemos localizar uma primeira fase predominantemente cosmológica, em que apenas se procura explicar o princípio do mundo físico e material.

Podemos destacar neste primeiro período, THALES,

geómetra, astrónomo e filósofo, natural de Mileto, que localizou na água o princípio das coisas. Fundamentava-se no facto de ser húmida a alimentação dos seres vivos, e húmidos serem também o calor vital e o sêmen dos animais.

Para ele a vida teria vindo do mar e a Terra flutuaria sobre as águas.

ANAXIMANDRO, seu discípulo, deixou alguns livros escritos, e, embora alguns se tenham perdido, encontramos ainda fragmentos que nos permitem concluir que Anaximandro não concebia nenhuma substância como primordial. Seria esta uma matéria sem qualidade ou natureza determinada e em quantidade infinita «Apeiron» pois se fosse finita acabaria por se esgotar.

Do «APEIRON» surgiu o quente e o frio, o fluido e todas as outras substâncias. Submetidas a um movimento rotativo colocar-se-iam segundo a ordem de peso, e assim ao centro estaria a Terra coberta por uma camada de ar e fogo da qual se formariam os astros que a cercam.

Com Anaximandro vislumbra-se a ideia de evolucionismo, pois dos lodos marinhos teria surgido o ser que originaria o homem.

Difere deste, ANAXIMENES, que encontra o princípio de todas as coisas no ar. Este condensando-se forma as nuvens e a água; dilatando-se é o fogo, e todo o universo o necessita e absorve. A Terra flutuaria no ar, o calor e o frio originariam as correntes de ar, a condensação e a evaporação, sendo portanto os causadores de todo este ciclo de transformações.

Encontramos ainda uma outra escola, a Pitagórica, por ter sido iniciada por PITÁGORAS, natural da Sicília, que considerava o número a essência das realidades. O número 1 é o princípio de todos os números. O espaço cósmico é o substrato de todas as

coisas. A cada forma ou qualidade corresponde um número, que é considerado não um conceito abstracto, mas uma coisa substancial que actua no espaço.

Surge-nos agora outra escola, a Eleática, que alguns consideram iniciada por XENÓFANES.

Escritor e notável pensador, insurgiu-se contra o antropomorfismo e as qualidades humanas atribuídas aos deuses pelos seus contemporâneos.

Concebe a existência de um deus superior a todos os outros, que seria como o espírito e motor do universo. Ele faz parte do mundo, envolve-o. Antevê-se assim um sentido panteísta.

3 - A Escola de Eleia

PARMÉNIDES de Elea estabelece o princípio «só o que é, é; o não ser não existe», e com ele por base forma uma teoria monista, em que considera o mundo dos sentidos inexistente devido à sua multiplicidade, mutações e transformações.

Só pelo pensamento se atinge o Ser. O Não Ser não pode ser pensado.

No seu livro «Sobre a natureza» trata da doutrina da verdade e da doutrina da aparência: o mundo verdadeiro, é inacessível aos sentidos, fazendo-se antever no entanto pelas oposições do mundo das aparências. De um lado está o leve, o ténue, o activo, d'outro o pesado, o denso, o passivo.

Seguindo as pisadas do seu mestre, ZENÃO tentou defender as doutrinas da-quele mostrando as condições dos conceitos de espaço e movimento.

Se o Ser se encontrava num espaço vazio, este deverá ser algo, logo existiria também num espaço vazio e assim sucessivamente.

O movimento também é ilusão. Uma flecha em cada momento ocupa um determinado espaço, o que é estar em repouso. Assim

não se poderia obter o movimento com vários repouso.

Célebre é também a aporia de «Aquiles e a Tartaruga» em que Aquiles jamais alcança a tartaruga devido a uma divisão infinita do espaço.

Pelas suas demonstrações lógicas, mas irreais, considera-se Zenão o criador da Dialética, que viria a atingir o seu auge com os Sofistas.

* * *

Podemos ainda considerar alguns pensadores solitários, que não formando nenhuma escola se distinguem pelo valor das suas especulações.

Um deles é HERÁCLITO, que encontra no fogo o princípio de todas as coisas. Compreendeu a contínua mutabilidade das coisas, e assim diz «ninguém pode banhar-se duas vezes na água do mesmo rio». Tudo é relativo para Heráclito. O conhecimento podia variar conforme o órgão. Parece também ter uma certa crença no determinismo.

Outro notável pensador foi ANAXÁGORAS, que partilha também a ideia da relatividade. Supõe a existência de matérias qualitativamente distintas e que existem nas coisas em quantidades infinitamente pequenas (homeomérias).

No princípio existiria um caos de homeomérias, que teriam sido postas em movimento de torvelinho pelo Espírito, o Nus, que é «a mais fina e pura de todas as coisas» dotado de força ou de saber embora não o considere imaterial ou divino.

Digno de nota é também EMPÉDOCLES de Agrigento, na Sicília. Admitia quatro substâncias como fundamentais: o fogo, a água, o ar e a terra e por influência dos mistérios órficos e pitagóricos acreditava na transmigração das almas.

Conclui no próximo número

A MINHA MORADA...

É no alto de uma escarpada rocha, sobranceira ao mar, que se ergue a minha habitação; triste e solitária, dirão muitos, mas alegre e acolhedora para aqueles que, como eu, souberem interpretar o seu inextinguível silêncio.

Vivo só, retirada do mundo, sem os rumores das fábricas, nem as apitadelas incessantes dos automóveis, rodando ao longo das ruas. Sim!... Não ouço nada disso. Mas posso escutar o bater das ondas de encontro aos rochedos, salpicando-os de espuma e cavando neles, pela erosão, as mais diversas e inacreditáveis figuras.

Para chegar à minha pequena morada não utilizo as estradas; uso sim, um rústico caminho, estreito e sinuoso, cavado no próprio penedo.

Durante o Verão, vagueio em redor, vendo os peixinhos nadar sob as águas, admirando os rochedos onde se abrem grandes lapas e olhando extasiada o suave quadro que nos oferece o conjunto mar e céu.

O mar, no seu vai-vem contínuo, tão límpido e tão brilhante que dir-se-ia poder observar-se toda a vida aquática através dele; o céu, despido de nuvens, de um azul suave, onde o Sol refulge, intensamente, beijando e dourando tudo em redor.

No Inverno, acordo com o marulho ensurdecido das ondas e os gritos dilacerantes das aves, tolhidas pela tempestade.

Mas, nem mesmo nesta época que é considerada a estação mais triste, eu aborço a paisagem. Abandono os meus passeios, para fazer vida sedentária. Recoilho a casa e fico longas horas observando, através das vidraças, cobertas de sal marinho, a cor barracenta das águas e o impetuoso ruído das ondas formando castelos, imponentes e esbranquiçados, que se desfazem de encontro à costa.

A' noite, fico bastante

tempo junto à lareira, ouvindo o cantar da chuva nos beirais e o ruído do mar que se assemelha a uma música, selvagem e mesquinha.

A's vezes, olhando o Oceano, vejo as canoas baleeiras e então penso como são dignos de respeito, esses caçadores de baleias, que sem os apetrechos das novas invenções e apenas dotados de uma coragem sem limites lutam com a morte nesses arriscados momentos em que lançam o arpão, só para que tenham seguro o sustento do seu lar.

Outras vezes, sentando-me pensativa à beira do mar, com os pés mergulhados nas suas águas, sinto desejos de reproduzir estes quadros que a Natureza me oferece e então lanço mãos à obra, não utilizando uma tela como os pintores, mas aproveitando a própria pedra onde traço os desenhos que a minha imaginação inventa...

Eis em pormenor, a maneira como passo os meus dias à beira-mar; e que se encontram como que reproduzidos na bem conhecida cantiga popular:

Moro à beira da rocha...
Moro lá bem à beirinha...

Celina Azevedo

4.º Ano

Quadros da Vida...

(Conclusão da 1.ª página)

ca poderiam satisfazer esse desejo dos filhos.

Com todas estas observações me esqueci do tempo que fazia à minha volta, quando um grande relâmpago rasgou o céu e daí a pouco um violento trovão foi ouvido, chamando à realidade as desditosas crianças que se aconchegaram assustadas e partiram à minha frente desaparecendo em breve numa das ruas transversais da cidade.

Como já tinha feito as minhas compras regresssei a casa debaixo de bastante chuva e trovões mas mal me apercebia deles, pois não deixara de pensar nas crianças que encontrara e que àquelas horas já deviam estar todas molhadas porque o tempo estava simplesmente a piorar a cada instante. Pensava ainda nos seus jovens rostos, que se velariam de tristeza e talvez mesmo de lágrimas, quando, no dia em que todas as crianças estivessem alegres e felizes com as prendas trazidas pelo Pai Natal: nesse dia essas crianças sentir-se-iam mais tristes e abandonadas do que nunca. Absorta nestes pensamentos cheguei a casa e como não tinha que fazer fui sentar-me junto da janela a ver o tempo que fazia lá fora. Agora eram grandes bagos de neve que

batiam de encontro à vidraça, numa fúria louca parecendo querer quebrá-las a cada instante. Os trovões e relâmpagos sucediam-se e eu afastei-me da janela, peguei num livro e comecei a ler, até que fui vencida pelo sono e, esquecendo o tempo que fazia lá fora, adormeci.

Hélia

5.º Ano A

Cantinho
do Magistério

(Conclusão da 1.ª página)

ração consciente e cuidadosa dos mestres tanto no campo psicológico como no pedagógico e ainda didáctico. O seu ensino terá de ser orientado, de acordo com a psicofisiologia das crianças. O mestre utilizará os seus conhecimentos de modo a conseguir inteirar-se, quanto possível, da maneira de pensar, de sentir e reagir dos seus alunos e ainda do seu estado fisiológico, para poder ministrar os seus ensinamentos de acordo com a sua boa ou má compleição física e mental. Terá, o professor, de servir-se da pedagogia para conseguir os fins educativos por ela apontados. Para que a aprendizagem seja acessível, interessante e atraente, despertando o interesse e por consequência a atenção dos alunos, ele terá de utilizar todas aquelas directrizes, métodos e processos que a didáctica ensina.

A missão do professor é bastante difícil, árdua, espinhosa e por vezes até desencorajadora. Mas não resta dúvida que, quando bem orientada, de forma a conseguir que os bons resultados se venham a verificar, ele se sentirá então feliz e dirá que valeu a pena todo esse esforço e paciência no cumprimento do seu honroso mister em favor da sociedade.

António Manuel

Finalista da E. M. P.

Intercâmbio Desportivo Escolar

Ao que consta, a Associação Académica de Angra pretende deslocar à Horta as suas equipas de futebol, basquetebol e andebol com o fim de realizar alguns jogos nesta cidade.

Sem dúvida que se depara ao nosso Liceu mais uma excelente oportunidade para um confronto escolar com a cidade de Angra, a par da camaradagem que isso proporciona.

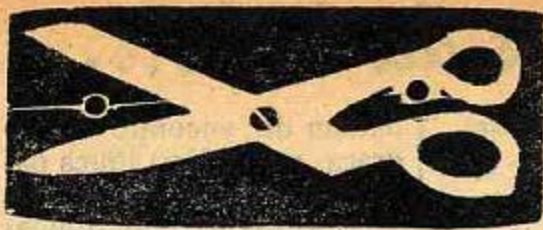
Assim, será de bom proveito manter a preparação naquelas modalidades para que na altura não tenha-

mos receio do nosso comportamento.

Está ao nosso alcance conseguir uma vez mais bons resultados, como aliás já é tradicional nas pugnas que temos tido com as representações da vizinha cidade.

Resta agora aos nossos jovens desportistas deitarem mãos ao trabalho, na medida em que é com trabalho que alguma coisa de útil se pode fazer.

Atenção, pois, a um próximo intercâmbio com a Associação Académica de Angra.



O ARAUTO nas aulas



São

assim

as

Estudantes... ➡

O professor de Religião:
— $1 + 1 + X =$ matrimónio.

Um aluno ingenuamente:

—O que é o «X»?

Resposta pronta de um colega:

—E' a sogra.

* * *

O professor de Ciências Naturais numa aula do 7.º ano:

—Diga por favor em que partes se divide a flor.

A aluna interrogada com ar convincente:

—Raiz, Caule, Folha, Flor e Fruto.

Antologia de mexericos

Tendência inata de algumas alunas do 7.º ano:

Encaminhar seminaristas desencaminhados.

* * *

Após prolongado período de «férias amorosas» regressou ao trabalho uma menina C.; finalmente alguém se lembrou que estava desempregada.

Um conselho

Antes de ir à agência funerária no fim do período, compre o «Arauto».

Lógica

—E' muito natural que se pense conforme se vive.

—Pois claro: basta viver conforme se pensa.

Jornal impresso

Elaborado pelos alunos e alunas do 5.º ano Turma B, em circulação interna (no Faial) surgiu no nosso Liceu o interessante boletim «O Tio Patinhas». O jornal, efectivamente, é como todos os outros; apenas um pouco mais pequeno. Contudo, traduz, especialmente o título, o carácter juvenil do referido ano (não desfazendo, claro) precisamente como o haviam previsto: «...cujo título simboliza o nosso carácter juvenil».

Os nossos votos de que a receita não tenha sido suficiente (para prover às despesas de impressão) e uma prolongada continuidade de descanso.

'Almas Cativas'

Continuamos à vossa espera!!

Que longo cativoiro!!

Folhetim do ARAUTO - N.º 0,08

O MARQUÊS DAS CANECAS

por ZÉ PARA FUSO

II

Prefácio e Post-facio

(Continuação)

Por momentos amaina o fragor da luta e o Marquês ordena: (discurso directo).

—Jeremias, traz-me o ratificada.

Ainda antes de terminar a frase, leva um «directo» e embrenha-se vitoriosamente na contenda que ia no auge.

O criado engana-se no nome, traz o infanticida e borrija a batalha. Os contendores, desamparados, tombam rendidos. Quanto ao criado, foi anteriormente fulminado e desintegrado pelo olhar faiscante do Marquês. As suas cinzas jazem num mosteiro qual-

quer cujo nome foi enterrado com ele.

Finda a batalha procede-se à classificação. O Marquês e o Conde ficam em último lugar: o primeiro em sétimo e o segundo em sexto. Por delicadeza, o Conde quer tomar o oitavo ou o sétimo, mas o Marquês insiste em que fique cada qual com o que lhe pertence e então, refilando continuamente, o Conde volta ao seu lugar e senta-se.

Nesta altura o Marquês pede uma ligação telefónica para o Príncipe e daí a poucos minutos um avião a jacto transporta a sr.ª Marquesa e sua côrte que se tinham ausentado para não presenciar a batalha.

Dando o caso por terminado o jornalista despede-se enquanto se discute a nova barricada proclamada em altos berros pelos senhores da geração.

Finalmente a geração também se despede e to-

dos os convidados sobem ao jardim em animada conversa fiada sobre os últimos acontecimentos.

Os criados servem os gelados mas como se estava no inverno é calorosamente reclamada a presença de um dentista. O dentista receita chazinho para todos. E ele sabia do ofício: ficaram todos mansos como cordeiros.

Ao cair da tarde o Marquês chama um criado e ordena-lhe:

—Bento, traz os jumentos.

E sabeis vós para quê? Tinham decidido fazer uma cavalgada pela floresta mas como as cavaliças do sr. Marquês só tinham burros —ele é o Marquês das Canecas—teve de enganar-se e pedir ao Bento os ditos animais sóbrios. E todos tiveram de fazer uma burricada em vez de uma cavalgada.

III

Post Scriptum

Depois daquela triste e memorável batalha fez-se o tratado de paz respectivo e os dois senhores comprometem-se a não mais guerrear até à próxima guerra e a não violar o terreno um do outro.

Uma vez, estava o Marquês das Canecas jantando no palácio do Conde das Taxas a convite deste quando a certa altura o Conde descobre um reluzente prego no seu prato de papas. Pensando que se tratava de uma brincadeira dos criados animou o prato das papas de elevada energia cinética com vista a um bombardeamento do primeiro criado que aparecesse. Contudo a má pontaria desviou o projectil que atingiu em cheio a fachada do Marquês. Mesmo assim a guerra não foi declarada porque o advogado de defesa conseguiu provar que o terreno facial do sr. Marquês não havia sido violado conscientemente.